

"LEONEL CALDELA SABE DUAS CAMINHOS UMA AVENTURA ÉPICA  
DEVE SEGUIR PARA OBTER A APROVAÇÃO DOS SEUS LEITORES." *ROLLINS STONE*

LEONEL CALDELA

O CÓDIGO  
ELFICO

  
Fantasy  
Casa da Palavra

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



# Ficha Técnica

Copyright © 2013 Leonel Caldela

Copyright © 2013 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial

Martha Ribas

Ana Cecília Impellizzeri Martins

Coordenador do selo Fantasy

Raphael Dracon

Editora

Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente

Beatriz Sarlo

Copidesque

Mariana Oliveira

Revisão

Tiago Ramos

Capa

Babilonia Editorial – Rafael Nobre

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C151c

Caldela, Leonel

O código élfico / Leonel Caldela - Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2013.

ISBN 9788577343584

1. Ficção brasileira. I Título.

13-0402. CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

18.01.13 22.01.13 042260

casa da palavra produção editorial

Av. Calógeras, 6, 1001, Centro

Rio de Janeiro RJ 20030-070

21.2222-3167 21.2224-7461

[divulga@casadapalavra.com.br](mailto:divulga@casadapalavra.com.br)

[www.casadapalavra.com.br](http://www.casadapalavra.com.br)

*Dedicado aos meus mestres*

# *A flecha eterna*

A CORDA SE ESTENDEU ATÉ o arco atingir a envergadura perfeita. No mesmo gesto, os braços abaixaram-no, mantendo a posição. A flecha ficou quase à altura dos olhos. Os dedos de Nicole já estavam calejados, experientes em segurar a corda e a flecha encaixada. Ela estava acostumada à tensão máxima sem esforço, com total tranquilidade naquele mundo fora do mundo. No tempo fora do tempo.

Ela não pensava. Mal notava o elfo a poucos metros de distância. Percebia os arredores através da mente, num estado de concentração perfeita em que unia sua vontade com a do universo, e transformava a mira em realidade.

Os dedos se moveram, sem que ela desse o comando. A corda foi solta. A energia acumulada naquela postura ancestral liberou-se de uma vez só, impulsionando a flecha rumo ao alvo.

Assim como o arqueiro, a flecha não hesitava.

Assim como o arqueiro, a flecha não errava.

Nicole Manzini era humana. Mas, depois de tanto treinamento, a arquearia élfica tornara-se tão natural quanto respirar. O elfo sempre lhe dizia: para o guerreiro, o tiro era natural como a respiração. Fazia parte do mundo e, assim como o vento, as montanhas ou a neve, nunca estaria errado.

A flecha voava certa rumo ao alvo, e Nicole piscou, por um instante confusa.

– Que lugar é este? – disse.

Olhou o homem estranho, também portando um arco, observando seu progresso. Ele não era humano. As longas orelhas, o físico delgado, o ar de segurança e majestade com que se portava não deixavam dúvida de que fosse um elfo.

A flecha continuava em seu voo sem fim – o tempo não fazia sentido.

– Quem é você? – insistiu Nicole.

Ele era seu mestre. Seu amigo. A pessoa com quem convivera durante semanas, meses ou anos – era difícil ter certeza. Ela o conhecia tão bem quanto a si mesma; podia ler cada movimento seu, cada intenção, cada olhar. Observara-o puxar o arco incontáveis vezes, estudara seus gestos, tentara reproduzi-los até que os músculos ardessem, os braços não respondessem mais aos comandos e as pernas fraquejassem de tanto sustentar a postura correta. Os dois – mestre e discípula – existiam sozinhos naquele mundo fora do mundo desde que ela conseguia lembrar, mas de súbito não o reconhecia mais.

E a flecha continuava em seu caminho infinito.

– Isto ainda não aconteceu, Nicole – disse o elfo.

– Estou sonhando? – ela desfez a posição do arqueiro, voltando à postura mundana a que estava acostumada na vida normal: braços caídos, costas levemente curvadas para a frente. – Botaram alguma coisa no meu café? Estou sendo abduzida de novo?

– Não. – Ele chegou mais perto.

A flecha cravou-se no alvo, com um ruído quase imperceptível.

Todas as memórias voltaram.

Nicole levou a mão à cabeça.

– Já estou melhor – ela disse. – Não sei o que houve comigo, Astarte. De repente tudo parecia... estranho. Desconhecido.

– É porque isto ainda não aconteceu – ele sorriu.

Astarte, o elfo, inspirou fundo, e ela acompanhou sua respiração. Ambos ajoelharam-se sobre a relva, sentados nos próprios calcanhares, recuperando a calma que o treinamento exigia.

– Às vezes também fico confuso – disse Astarte. – Não estamos na Terra ou em Arcádia. Não estamos no presente, mas também não no passado ou no futuro. Acho que a confusão é inevitável. Tudo é muito complicado.

– Na verdade, tudo aqui é simples – ela esboçou um sorriso leve.

No lugar que não era lugar, no tempo fora do tempo, não havia cultistas. Não havia porões, manicômios ou laboratórios. Não havia uma deusa profana salivando sobre suas cabeças. Não havia mercenários caçando-os ou um homem manipulador controlando tudo, oculto atrás de sua máscara de ouro. Só havia a planície e as montanhas. O céu azul, a brisa suave. A floresta, a chuva e o sol.

Os arcos, as flechas e os alvos.

Nicole e Astarte.

Não havia memórias, não havia urgência. Não havia a corrida contra o tempo, antes que o ritual se completasse e tudo estivesse perdido.

Se não houvesse Arcádia ou a Terra, se não houvesse passado ou futuro, tudo seria perfeito. Tudo seria como naquele mundo fora do mundo, naquele tempo fora do tempo.

– O tiro foi certo – disse Astarte.

– O arqueiro não comemora o acerto, assim como não lamenta o erro – Nicole recitou, repetindo as palavras que tantas vezes ouvira dele.

O elfo deu uma risada fácil, solta. Em seguida, tornou-se sério.

– Você sabe o que isso significa, Nicole. Está pronta.

Ela apertou os lábios. Assim que estivesse pronta, teria de voltar. Para cumprir o dever que havia imposto a si mesma.

– Mas, se isto ainda não aconteceu – ela retrucou –, então ainda temos muito tempo.

Astarte sentiu-se tonto. A visão encheu-se de pequenas manchas luminosas, o sangue pareceu esvaír da cabeça. Foi sua vez de experimentar a desorientação. Estava em Arcádia. Não conhecia nenhum humano, jamais pisara na Terra. Sequer *sabia* que existia um mundo dos humanos. Como, então, podia ter passado semanas, meses, anos com uma humana, compartilhando tudo com ela? Se não conhecia nenhum humano, como podia conhecê-la mais do que a si mesmo? Como podia tê-la instruído na disciplina da arquearia élfica?

– Calma, Astarte! – Nicole tocou seu rosto. – Você mesmo falou. Isto ainda não aconteceu. Nós ainda não nos conhecemos. Ainda falta muito para que...

Não completou a frase.

Ainda não conhecia aquele homem. Ainda não dividira com ele uma vida inteira de reclusão e aperfeiçoamento. Então por que lhe doía tanto conhecer a razão de treinar?

Os dois se olharam, muito conscientes da própria tontura. Sabiam que aquilo ainda não

havia acontecido, mas não sabiam explicar como. Dividiam as mesmas dúvidas, e a única certeza era que estavam ali. Juntos. Com um mesmo propósito, há uma vida inteira.

Os dois aproximaram os rostos simultaneamente, como se obedecessem a um comando. No tempo fora do tempo, foi um instante enlouquecedor, antes de os lábios se tocarem. A proximidade deixava-os sentir o calor um do outro, notar o que o olfato só percebia quando muito perto, e tornava possível entreouvir as batidas do coração de outra pessoa. Uma entrega que abria mão de todas as defesas, todas as máscaras. O efeito era de uma eletricidade estática.

– Nicole! – disse Astarte, de repente.

Então os dois saltaram, no momento em que uma explosão surgia no lugar onde haviam estado. O estrondo da granada reverberou por toda a planície, e os soldados vestidos de preto avançaram de assalto, disparando seus fuzis.



– Como eles vieram parar aqui? – gritou Nicole.

Astarte não respondeu; rolou no chão, para trás, ajoelhando-se e puxando a corda do arco. Mirou e disparou. A flecha alojou-se na cabeça de um dos mercenários, quebrando o visor do capacete, que recobria seu rosto inteiro. O impacto fez com que o pescoço do inimigo se movesse violentamente para trás, e a rajada de seu fuzil varou o ar, inofensiva. Mas o soldado continuou correndo, como se a flecha cravada não lhe causasse nenhum incômodo.

Não conseguiam descobrir de onde os soldados surgiam; apenas que estavam lá, de alguma forma. Talvez fosse obra de um ritual inimigo ou um sinal da aproximação dos mundos, o fato era que os agentes trajados de negro estavam invadindo o que Astarte e Nicole tinham julgado ser um refúgio inexpugnável. Alguns saíam das sombras da floresta, onde haviam permanecido ocultos em meio às árvores. Dois emergiram de um lago próximo, sem a necessidade de respirar e portando armas que resistiam à água. Outros cinco correram de trás de uma colina, cercado o elfo e a humana, disparando de forma a encurralá-los.

Os pesados coturnos negros pisoteavam o lugar que era feito só dos dois, como uma invasão militar no inconsciente.

Nicole correu em zigue-zague pela relva, evitando os tiros, vendo o chão eclodir em pequenos estouros onde as balas atingiam. Puxou uma flecha da aljava e deteve-se por uma fração de segundo, em meio à corrida. Não parou para mirar o alvo, deixou que os instintos de arqueira guiassem a flecha, e continuou a correr antes de voltar-se para ver o resultado do tiro. Um dos mercenários foi atingido no joelho, desabando. Mas, assim como os outros, ele não sentia dor, e ergueu-se de novo para continuar atirando.

A presença daqueles homens ali era desconcertante. Conspurcava o local de treinamento. Forçava os uniformes negros, os fuzis e escopetas na mente e na vontade da humana e do elfo. Nicole embrenhou-se na floresta, sem saber onde Astarte estava. Sentia-se sufocada, sua concentração perturbada e ameaçada por aquela incursão inexplicável.

– Isto ainda não aconteceu – repetiu para si mesma. – Não estou aqui.

Ouviu um ruído em meio às árvores; deu um salto silencioso, segurando-se em um galho e

escondendo-se em meio a uma copa folhosa. Mesmo sob a luz do sol, a floresta era sombria e cheia de segredos. De alguma forma, a presença dos mercenários tornava-a ainda mais escura. Mas Nicole aprendera a se esconder, assim como aprendera a atirar com o arco e a canalizar o poder de Arcádia, então a escuridão também trabalhava a seu favor.

Dois soldados andavam em meio aos troncos grossos, apontando os fuzis para todos os lados, procurando por ela. Os tiros e explosões ressoavam – ao longe, muito perto – e não havia como saber o que se passava com o elfo. Contudo, ali estava o perigo imediato, dois ou três metros abaixo, na forma de homens que não morriam e não desistiam, com trajes blindados e capacetes fechados.

Nicole respirou sem fazer barulho. Encaixou duas flechas na corda do arco. Puxou a corda e fechou os olhos, confiando na concentração e na vontade acima dos sentidos mundanos.

Saltou da árvore enquanto disparava.

As duas flechas foram certeiras: uma se alojou no pescoço de um dos soldados, a outra perfurou as mãos do segundo. Embora nenhum dos dois tiros fosse fatal, ambos seriam um incômodo. Enquanto o primeiro inimigo apertava o gatilho e disparava em retaliação, o segundo tentava livrar as mãos da flecha, para fazer o mesmo. Nicole aterrissou entre os dois, deu um salto felino para trás do segundo mercenário, largou seu arco e agarrou as mãos presas do homem, abraçando-o. Então puxou o gatilho do fuzil e direcionou a rajada para o primeiro, atingindo suas mãos, pés e tronco.

– Reforços! – comunicou o mercenário, pelo rádio. Ainda estava ativo apesar de tudo.

Nicole apanhou o arco no chão e correu, desviando-se das árvores, fazendo um caminho sinuoso, enquanto a floresta era tomada de inimigos. Alcançou a encosta de uma colina, um paredão quase vertical, e saltou. O corpo, quase horizontal, correu pela superfície inclinada acima da copa das árvores, desafiando a gravidade por alguns instantes. Avistou dois pequenos objetos negros se aproximando e, num mergulho em direção ao solo, transpôs grande distância até aterrissar em terreno aberto, em meio à relva, enquanto as duas granadas explodiam.

Ergueu-se ao lado de Astarte. Ficaram de pé, um de costas para o outro, enquanto os mercenários vinham de todos os lados. A relva ao redor do elfo estava atapetada de corpos crivados por flechas, que ainda se moviam.

– Qual é o plano? – gritou Nicole.

– Eles vão dominar o lugar! – respondeu Astarte. – Você precisa voltar!

– Seu plano é uma porcaria. Como vamos vencê-los?

Estavam cercados pelos homens de preto, que disparavam rajadas intermitentes. Astarte sacava flechas da aljava e as atirava com o arco repetidas vezes, em uma velocidade inumana, a mão e o braço transformados em um borrão de movimento. Uma flecha perfurou o estômago de um dos mercenários – um ferimento insignificante, se não tivesse rompido sua espinha e derrubado-o. Outra alojou-se no cano de um fuzil, inutilizando a arma. Uma terceira cravou o peito do inimigo, tirando-lhe o controle dos braços. Um mercenário correu para o lado, sob a cobertura de fogo de seus companheiros, e arremessou uma granada. Astarte sacou uma flecha e disparou, acertando o objeto num ângulo perfeito para jogá-lo de volta aos inimigos. A granada explodiu, destruindo três soldados.

E, costas com costas, Astarte e Nicole giravam, protegendo um ao outro. Esquivavam-se e



dançavam pela relva, evitando as balas sem nunca se separar, como se aquela fosse uma coreografia ensaiada.

- Você precisa voltar! – repetiu o elfo.
- Isso vai aumentar o domínio deles!
- *Não importa, Nicole. Saia daqui.*
- Me obrigue!

Dois soldados avançaram lado a lado – um deles disparando uma escopeta, o outro segurando um grande escudo típico da polícia de choque, protegendo ambos. Nicole pulou para cima, quando o chão sob seus pés estourou com a munição .12. Jogou-se para trás e, deitada de costas, disparou, varando os tornozelos do inimigo que carregava o escudo. Ele caiu, batendo no companheiro e desequilibrando-o. Num movimento contínuo, ela se agachou e deixou voar mais uma flecha, dessa vez partindo o fêmur do homem com a escopeta.

Eles não morriam, não paravam. Mas podiam ser desabilitados por um ferimento grave.

- Vá embora, Nicole! – Astarte gritou. – Ou você nunca mais vai sair daqui!
- Quem disse que *quero* sair daqui?
- *Por favor...* – Mas foi interrompido.

O mundo fora do mundo, o tempo fora do tempo, de repente foi tomado por uma presença avassaladora. Astarte viu-se incapaz de falar. Como se todos os sentidos fossem sobrecarregados: ofuscação, ruído ensurdecedor, agonia paralisante.

Mas não havia tanto estímulo. Apenas a chegada de um homem.

O Dragão.

- Olá, Alteza.



Ele surgiu sem explicação, assim como seus soldados. Vestia o impecável terno, que parecia reluzir com escamas douradas. Era elegante, alto e belo, o porte físico ideal de um humano. Seu rosto oculto pela máscara de ouro. Na mão direita, a magnífica espada, com sua lâmina fina e recurvada de um único gume.

Astarte e Nicole sentiram o Dragão tomando o controle do refúgio com sua vontade titânica.

O inimigo deu um salto impossível. Metros acima, parado no ar, corpo contra o sol, de forma que não se podia distinguir seus movimentos. Segurou o cabo da espada com as duas mãos e desceu sobre Astarte, desferindo um golpe perfeito. O elfo não teve tempo de esquivar-se; num reflexo, usou o arco para aparar, e a madeira se partiu ante o metal. O Dragão pousou, e seu segundo golpe atingiu Astarte na coxa, arrancando um esguicho de sangue e fazendo-o curvar-se.

– Ambos estão aqui – disse o Dragão, em sua voz controlada. Não transparecia nenhuma sugestão de esforço. Não estava ofegante, mantinha a tranquilidade perfeita. – Isto facilita tudo.

- Não! – Astarte gritou, sacando sua própria lâmina.

No mesmo movimento, desferiu um golpe veloz, capaz de decapitar qualquer guerreiro comum. Mas o Dragão não era comum – sem que o elfo enxergasse, a espada inimiga estava

em seu caminho, bloqueando o ataque. O clangor de metal contra metal reverberou na planície.

Uma flecha voou certa contra as costas do recém-chegado. Ele virou-se num relâmpago e partiu-a ao meio com a espada.

– Você foi treinada por uma razão, Nicole – a voz de Astarte continha súplica. – Se ele capturá-la agora, tudo vai estar perdido! Por favor, saia daqui!

Os mercenários aglomeravam-se ao redor dela. Com a presença do Dragão, era mais difícil fazer mira, mais difícil esquivar-se. Ela aos poucos se convencia da própria derrota, e sabia que Astarte experimentava o mesmo. Era o poder da vontade monumental do inimigo.

Não estavam na Terra ou em Arcádia. Não estavam no presente, no passado ou no futuro. Ela não sabia como eles haviam chegado até lá, mas aquele mundo fora do mundo estava sendo dominado, assim como Arcádia já fora e a Terra seria.

O Dragão segurou a espada com ambas as mãos e ergueu-a. Desferiu um golpe com a velocidade do pensamento, a ponta da arma indo de encontro ao rosto de Astarte.

– Isto ainda não aconteceu, Nicole! Você não está aqui!



– Nicole? – disse o professor.

Ela piscou.

Quase caiu da cadeira, demorou para perceber que estava na sala de aula. Tinha certeza de que não estivera dormindo, mas ausentara-se por completo. Podia ter sido um minuto ou meia hora. Mal se lembrava do punhado de colegas e do orientador esclarecendo as últimas dúvidas. Seus cadernos e livros foram ao chão, enquanto ela se atrapalhava para voltar à realidade.

– Você está bem? – disse alguém.

– Ótima – gaguejou.

Mas achava que não.

Ao contrário das outras vezes, não se lembrava de coisa alguma. Não fazia ideia do que se passara enquanto estivera “ausente”. Uma vaga impressão de um lugar etéreo, em que passado, presente e futuro se confundiam, mas só isso. Não tinha qualquer memória de experimentos ou exames, dos captores ou da enfermaria macabra. Mesmo sem nenhuma pista sobre o que lhe acontecera, presumiu que só poderia ter sido abduzida mais uma vez. Afinal, não havia outra explicação para que apagasse sem dormir e voltasse tempo depois, sem que ninguém parecesse notar sua ausência física.

Era isso, ou estava ficando louca. O que, em seu caso, seria até mais reconfortante.

Murmurando qualquer coisa sobre estafa e estresse, Nicole Manzini recolheu seus cadernos e livros e retomou sua rotina de estudante de mestrado. Nunca vira um arco ou uma flecha de perto, jamais lutara com ninguém e odiava armas. Procurava manter distância de qualquer esquisitice – e não lembrar o que se passara naquele lapso em plena universidade era um bom começo.

Se ela se lembrasse do Dragão, da espada e da máscara de ouro, poderia estar preparada. Se recordasse a razão do treinamento que ainda não acontecera, saberia que a deusa se

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

